

DE ORMUZ A PEQUIM: O MUNDO CAMINHA PARA UMA NOVA GUERRA POR CAUSA DO IRÃ?

A crise Irã-EUA tornou-se um tabuleiro geopolítico global de Ormuz a Pequim; com China, Golfo e Europa envolvidos, o risco de um erro de cálculo no estreito vital pode desencadear um conflito que testaria a ordem mundial.

Ghadir Golkarian*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O Oriente Médio encontra-se mais uma vez à beira de um momento histórico decisivo. As tensões entre o Irã e os Estados Unidos não são mais meramente uma disputa diplomática entre dois governos ou uma luta regional por influência. Hoje, a doutrina de segurança de Israel, a política de pressão de Washington, os interesses estratégicos da China, as ansiedades de segurança dos estados árabes do Golfo e as preocupações energéticas da Europa convergiram em um único dossiê geopolítico. Por essa razão, analisar a crise iraniana apenas pela ótica de Teerã-Washington não é mais suficiente. O que está se desenrolando tornou-se um complexo tabuleiro de xadrez geopolítico que se estende do Estreito de Ormuz a Pequim.

Os recentes acontecimentos tornaram essa realidade ainda mais clara. A rejeição, por parte do governo Trump, das últimas propostas diplomáticas do Irã sugere que Washington prefere intensificar a pressão em vez de suavizar sua abordagem. Ao mesmo tempo, o fato

de a questão iraniana ter se tornado um tema central nas discussões entre EUA e China demonstra que essa crise não é mais simplesmente uma questão militar; agora é uma questão econômica, estratégica e global. Para a China, o Irã não é meramente um parceiro político. É um componente importante da segurança energética de Pequim, da Iniciativa Cinturão e Rota e da rede mais ampla que liga a Ásia ao Oriente Médio.

As relações entre o Irã e a China nos últimos anos foram além da cooperação política comum e evoluíram para uma parceria estratégica. O acordo de cooperação abrangente de 25 anos é talvez o símbolo mais claro dessa transformação. Abrangendo energia, infraestrutura, transporte e segurança, essa estrutura mostra que Pequim vê o Irã não apenas como um aliado diplomático, mas como um elo importante em sua rede global de suprimentos e influência. No entanto, a China mantém simultaneamente extensos laços econômicos e estratégicos com os estados árabes do Golfo, particularmente os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita. É por isso que a posição de Pequim na crise atual é muito mais complexa do que muitos supõem. A China não deseja abandonar o Irã completamente, mas também não está preparada para colocar em risco a ordem energética do Golfo em benefício de Teerã.

Nesse contexto, o Estreito de Ormuz tornou-se uma arena decisiva. Como uma das artérias mais vitais do mundo para o comércio de petróleo, qualquer escalada militar nesse estreito corredor marítimo poderia desencadear rapidamente um choque econômico global. A crescente visibilidade do envolvimento europeu, particularmente sob a liderança britânica, nas discussões sobre a segurança de Ormuz não é acidental. Para a Europa, a questão central não é o próprio Irã, mas a segurança energética, o comércio marítimo e a estabilidade econômica. As monarquias árabes do Golfo encontram-se numa posição igualmente contraditória. Por um lado, contam com a proteção de segurança americana; por outro, não desejam ser as primeiras vítimas econômicas de uma guerra direta com o Irã. É por isso que a comunicação direta entre os líderes do Golfo e Trump não deve ser interpretada como mera cortesia diplomática, mas como evidência de profunda preocupação estratégica.

Mas será que esta situação realmente aponta para uma nova guerra?

A resposta é muito mais complexa do que parece à primeira vista. Os sinais atuais não eliminam a possibilidade de um conflito em larga escala, mas também indicam que todos os principais atores compreendem os imensos custos envolvidos. Para os Estados Unidos, qualquer grande campanha militar contra o Irã não seria simplesmente uma empreitada militar. Tal guerra poderia elevar rapidamente os preços do petróleo, reacender a inflação global e criar uma forte pressão econômica interna. Para Trump, cuja legitimidade política

está profundamente ligada a narrativas de força e desempenho econômico, essa não é uma consideração menor.

Para Israel, a equação é diferente. Tel Aviv há muito tempo vê o Irã não apenas como um rival regional, mas como uma ameaça existencial. Dessa perspectiva, restringir as capacidades militares do Irã é visto como uma necessidade estratégica. No entanto, mesmo para Israel, entrar em uma guerra prolongada e em toda a região impor custos enormes. Portanto, o provável objetivo conjunto de Washington e Tel Aviv não é uma invasão em grande escala do Irã, mas sim forçar Teerã a recuar por meio de pressão sustentada, isolamento econômico e dissuasão militar calibrada.

A questão crucial, porém, é como o Irã responderá.

Se Teerã recuasse completamente sob pressão internacional, as consequências iriam muito além da diplomacia. Correria o risco de se tornar uma crise de legitimidade interna. Dentro da cultura política da República Islâmica, a percepção de rendição sob pressão estrangeira acarreta um alto custo político. Um sistema que há muito mobiliza a opinião pública por meio de narrativas de resistência, soberania e independência não pode aceitar facilmente concessões visíveis. Contudo, isso não significa que o Irã seja incapaz de flexibilidade.

A diplomacia iraniana demonstrou, no passado, capacidade de pragmatismo tático. Se um acordo puder ser apresentado internamente não como uma rendição, mas como um compromisso honroso, Teerã poderá, de fato, optar por uma desescalada controlada.

É aqui que o papel da China se torna crucial.

Pequim abordará essa crise não ideologicamente, mas pragmaticamente. O principal objetivo da China não é defender o sistema político iraniano, mas salvaguardar os fluxos de energia, as rotas comerciais e a estabilidade regional. Se a China, durante as discussões com Washington, exercer pressão limitada sobre Teerã para evitar uma escalada, isso não seria surpreendente. No entanto, essa cooperação tem limites claros. Pequim não tem interesse no colapso do Irã ou em permitir que a dominância geopolítica americana seja totalmente restaurada em toda a região, pois tal resultado contrariaria diretamente os interesses estratégicos de longo prazo da China.

Em outras palavras, a China está ao lado do Irã, mas não a ponto de confrontar os Estados Unidos em nome do Irã. E dialoga com Washington, mas não a ponto de sacrificar Teerã.

Contudo, talvez o maior perigo resida não em decisões deliberadas, mas em erros de cálculo estratégicos.

A história nos lembra que muitas guerras começam não por meio de escolhas políticas

cuidadosamente planejadas, mas por mal-entendidos, sinais mal interpretados ou incidentes descontrolados. O Estreito de Ormuz, com sua densa presença militar e extraordinária sensibilidade geopolítica, é um dos lugares mais perigosos do mundo nesse sentido. Um confronto naval limitado, um sinal de radar mal interpretado ou um movimento descontrolado por um ator interposto poderia desencadear uma confrontação muito maior.

Para o governo Trump, essa crise representa tanto uma oportunidade quanto um perigo. Uma demonstração de força pode gerar benefícios políticos de curto prazo e reforçar uma imagem de firmeza. Mas uma crise prolongada pode levar ao aumento dos custos de energia, à instabilidade no comércio global e ao aumento da frustração entre os aliados dos Estados Unidos. Além disso, se a China emergir dessa crise como o ator estabilizador – ou mesmo como um mediador eficaz – o verdadeiro vencedor geopolítico pode não ser Washington, mas Pequim.

Então, qual é o caminho para sair dessa situação?

A solução realista não é a capitulação total de um dos lados. Tal resultado não seria sustentável. O único caminho viável é o da desescalada controlada e recíproca. O Irã deve reduzir as tensões sem abrir mão completamente de sua influência estratégica em Ormuz. Os Estados Unidos e Israel, por sua vez, devem evitar que sua campanha de pressão se transforme em um confronto militar sem prazo definido. A China, os estados do Golfo e intermediários como Omã podem ser essenciais para moldar essa arquitetura diplomática.

A questão crucial hoje é: o mundo está caminhando para outra guerra?

A resposta pode ser: ainda não, em um sentido inevitável. Mas o mundo se aproximou o suficiente da beira do abismo para que um único erro de cálculo, uma decisão emocional ou uma escalada descontrolada possa desencadear um conflito muito maior. A crise que se estende de Ormuz a Pequim não se resume mais ao Irã. Ela se tornou um teste de resistência para a própria ordem global.

**Ghadir Golkarian é professor-doutor, pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre. Nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística e professor universitário de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para a BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.*
